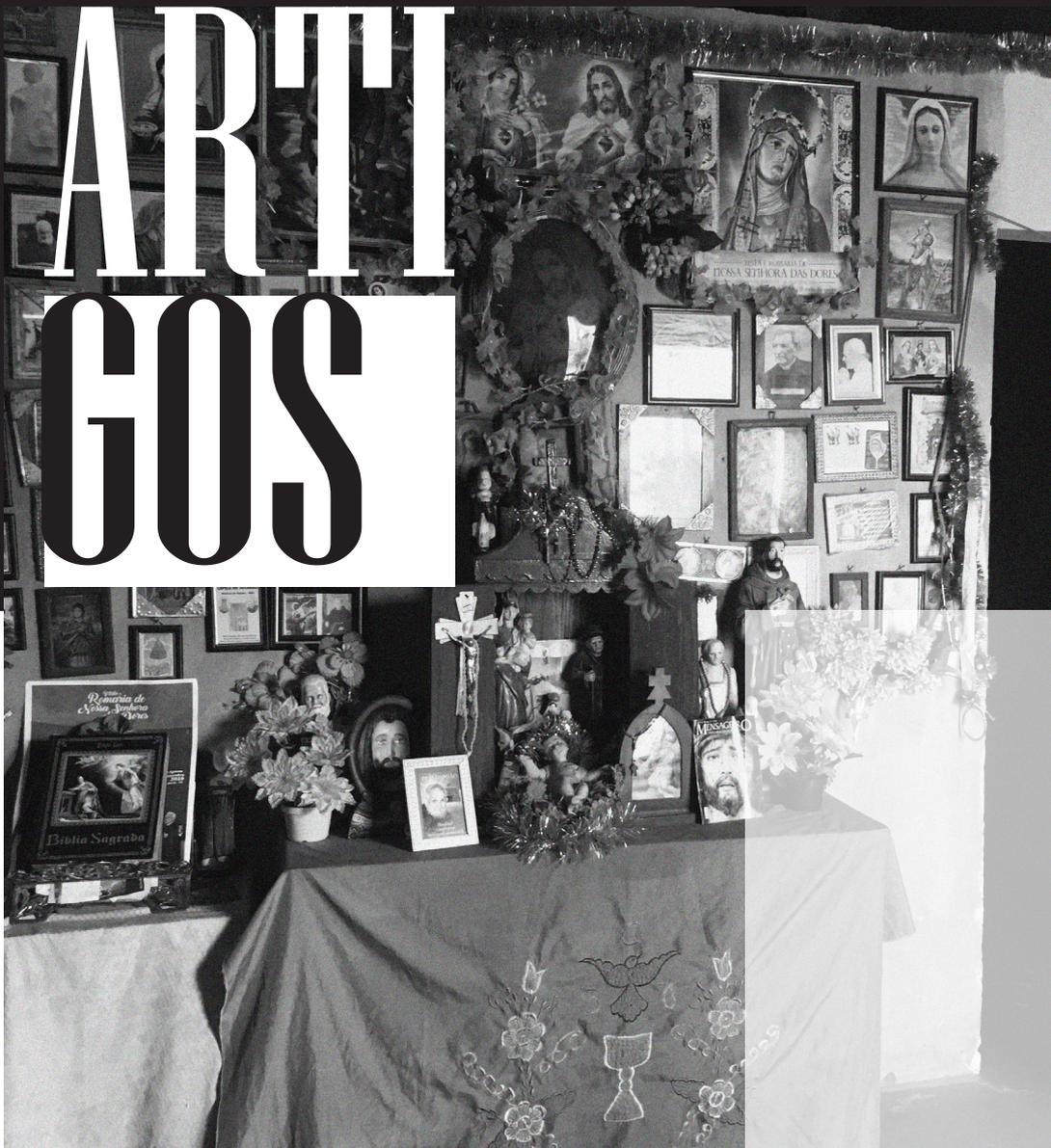


ARTI GOS



> <https://doi.org/10.20396/proa.v13i00.18358>

Os altares domésticos dos devotos de padre Cícero, em Juazeiro do Norte, Ceará

Ana Neuza Botelho Videla

> ana.videla@ufca.edu.br

Universidade Federal do Cariri

PROA

Revista de Antropologia e Arte



Os altares domésticos dos devotos de padre Cícero, em Juazeiro do Norte, Ceará

Resumo: A partir dos altares domésticos presentes nas residências do Bairro do Horto, em Juazeiro do Norte, Ceará, buscamos nos aproximar da cosmovisão dos moradores dessa localidade. Este ensaio etnográfico visa investigar os aspectos socioculturais e estéticos que os moradores estabelecem com os santos, os altares domésticos e a sala do santo. Isto é, por meio de relatos dos fiéis, registros visuais, ritual de Renovação e das expectativas de conduta dos fiéis do padre Cícero, abordamos a mediação que os objetos operam nas relações sociais. A investigação deu-se a partir do contexto do catolicismo popular presente na cultura religiosa da Região do Cariri, cujas variações das formas imagéticas e dos artefatos refletem e respaldam uma visão de mundo. Identificamos, portanto, alguns aspectos que contribuem para o entendimento sobre a organização social da população romeira devota de padre Cícero.

Palavras-chave: Altar; Catolicismo Popular; Estética; Romeiros do padre Cícero; Juazeiro do Norte.

The domestic altars of devotees of Padre Cícero, in Juazeiro do Norte, Ceará

Abstract: The present work aims to investigate the socio-cultural and aesthetic aspects of the religious artifacts that are part of the altars present in the residences of Bairro do Horto, Juazeiro do Norte, Ceará, through the ethnographic method. That is, through reports of the faithful, visual and audio records we study the worldview of the residents of that locality. The investigation came from the context of popular Catholicism present in the religious culture of the Region of Cariri, whose variations of the imagery forms and artifacts form a meaning, a ontology. As results, we identify some aspects that contribute to an understanding of the social organization of the pious population of Father Cicero.

Keywords: Popular Catholicism; Altar; Aesthetics; Father Cicero pilgrims; Juazeiro do Norte.

Los altares domésticos de los devotos del Padre Cícero, en Juazeiro do Norte, Ceará

Resumen: A partir de los altares domésticos presentes en las casas del Bairro do Horto, en Juazeiro do Norte, Ceará, buscamos acercarnos a la cosmovisión de los habitantes de esa localidad. Este ensayo etnográfico tiene como objetivo investigar los aspectos socioculturales y estéticos que los pobladores establecen con los santos, los altares domésticos y el cuarto del santo. Es decir, a través de los relatos de los fieles, los registros visuales, el ritual de Renovación y las expectativas de conducta de los fieles del Padre Cícero, nos acercamos a la mediación que operan los objetos en las relaciones sociales. La investigación se desarrolló a partir del contexto del catolicismo popular presente en la cultura religiosa de la Región Cariri, cuyas variaciones en las formas de imaginería y artefactos reflejan y sustentan una cosmovisión. Identificamos, por tanto, algunos aspectos que contribuyen a la comprensión de la organización social de la población devota peregrina del Padre Cícero.

Palabras clave: Altar; catolicismo popular; Estética; Peregrinos del Padre Cícero; Juazeiro Norte.



> Os altares domésticos dos devotos de padre Cícero, em Juazeiro do Norte, Ceará

Ana Neuza Botelho Videla

 <https://orcid.org/0000-0003-2208-6282>

> ana.videla@ufca.edu.br

Doutora em Design

Universidade Federal do Cariri

1 Introdução

A cidade de Juazeiro do Norte é conhecida como um dos principais espaços míticos do Brasil. Esse foi um legado deixado por padre Cícero (1844 - 1934), influente líder religioso e político da Região do Cariri. Nesta localidade nos deparamos com uma ordenação muito peculiar do catolicismo, cuja dimensão estética conta com um apuro próprio e uma importância na composição dos altares das casas dos moradores do bairro do Horto. Segundo Gell (1992), ética e estética pertencem à mesma categoria. De acordo com essa abordagem, “a estética é um ramo do discurso moral, que depende da aceitação dos artigos iniciais de fé. No valor estético do objeto reside o princípio da Verdade e do Bem, de modo que o estudo dos objetos de valor estético constitui-se em caminho rumo a transcendência” (GELL, 1992, p. 41). A partir dessa forma de viver a religião, como fruto de uma expressão plástica e visual, é que se ancora esta pesquisa. Mais ainda, este estudo parte da estética das práticas do catolicismo popular¹ dos moradores do bairro, localizado em uma colina, onde – no seu ponto mais alto – se encontra a estátua do padre Cícero, para compreender a cosmovisão dessa população.

O acesso à estátua é pela rua principal, que vem a ter o mesmo nome do bairro, rua do Horto, via bastante emblemática para os romeiros que visitam Juazeiro do Norte, pois além de contar com as representações da Via Sacra, que no sentido católico reproduz a trajetória que Jesus Cristo fez do Pretório ao Calvário, culmina na estátua do religioso. Quer dizer, nos períodos de romaria, os devotos do Padre Cícero refazem o caminho que Jesus percorreria carregando a cruz, tendo como propósito agradecer as graças alcançadas ou pedir a intervenção divina para aplacar seus sofrimentos. Com isso, nas datas festivas da comunidade e nos períodos de romaria, o local vivencia intensa peregrinação.

¹ O termo catolicismo popular se refere às crenças e práticas da religião pela via direta entre os fieis e a dimensão sagrada, prescindindo, portanto, da intervenção institucional da igreja.

> Os altares domésticos dos devotos de padre Cícero...

As moradias do bairro possuem uma planta padrão, contando com poucas variações em relação a esse modelo. Um dos motivos para que isso ocorra é pelas características dos lotes em solo de colina, onde os terrenos são acidentados. Mas, para além dessa característica e a fim de manter o valor acessível para a população de baixa renda, os terrenos são estreitos, em torno de 5m X 20m, limitando as possibilidades de construção das moradias. No entanto, as questões objetivas do relevo do bairro não são suficientes para explicar a disseminação dessa arquitetura, pois é possível identificar a adoção desse modelo em vários bairros e municípios que compõem a Região do Cariri. Ou seja, as casas são compridas e os cômodos se sucedem. Na Figura 1, podemos verificar a partir da planta baixa, que os cômodos são ligados por um corredor lateral até o final da casa. Os objetos e imagens que compõem os altares são reunidos no primeiro compartimento das casas, sendo também conhecida como “sala dos santos”. O altar fica na frente da porta de entrada, funcionando como uma proteção para os moradores da casa. Seria como um limiar entre o interior da casa e a rua. Essas salas, cujas portas com frequência estão abertas, propiciam a interação entre os integrantes da comunidade, uma vez que o uso da calçada é frequente, tanto para as conversas no final da tarde, quanto para a execução de algum trabalho com palha ou para debulhar a vagem de andu², por exemplo. Portanto, como as portas das casas são mantidas abertas, o altar que é visível para quem passa na rua, exhibe a agência de seus índices (GELL, 2018). Portanto, é de se supor que a arquitetura da casa gera o convívio e encontro entre os membros da comunidade, sem abrir mão da proteção divina, a qual forma uma barreira entre o exterior e o interior. Nesse sentido, a casa é um corpo para outros corpos (GELL, 2018)

O uso dessas salas é permeado por regras, as quais giram em torno da postura que se deve ter em relação ao universo sagrado. Nesse sentido, de acordo com os relatos de alguns moradores, nessas salas, em respeito aos santos, não é permitido assistir televisão, fumar, falar palavrão, consumir bebida alcoólica, entre outras atividades, o que permite, de partida, observar que a prática do catolicismo popular impacta na forma como a população se organiza no ambiente doméstico.

2 O andu é um feijão muito cultivado no Cariri e Horto. A população comenta que seu cultivo era estimulado pelo Padre Cícero. Em tempos de seca era um feijão que resistia a escassez de chuva.

> Os altares domésticos dos devotos de padre Cícero...

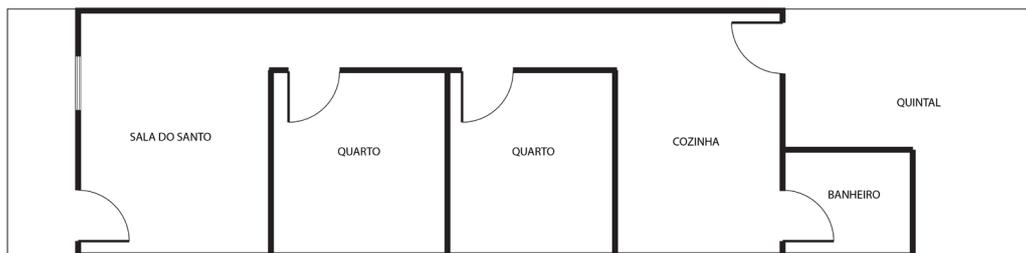


Figura 1 – Planta de uma casa típica do Horto (Amadeu Mariano³, 2019).

Além da organização das casas em torno do Sagrado Coração de Jesus e dos santos de devoção dos donos da casa, o ritual da Renovação compõe essa expressão religiosa. A importância dessa cerimônia é marcar e reafirmar a vivência da religião. A cerimônia ocorre anualmente nos domicílios dos devotos do Padre Cícero, celebrado na data de casamento dos donos da casa ou de nascimento de um deles, mas essa escolha também pode ser a da preferência dos moradores. Na cerimônia os residentes da casa renovam os votos no Sagrado Coração de Jesus e no Imaculado Coração de Maria. O evento acontece na sala do santo, em frente ao altar doméstico, cuja adoção, vale lembrar, partiu de recomendações do Padre Cícero, para quem, tanto a oficina, quanto o altar, eram essenciais nas residências dos romeiros que o procuravam. Para exemplificar essa orientação, temos o relato de Dona Osana:

Ana: A senhora chegou a comentar que padre Cícero orientava que toda casa tinha que ter um altar e uma oficina. Era isso?

Dona Osana: Era isso que ele dizia, que o romeiro dele tinha que ter uma casa de oração. A oração e a oficina, que é o trabalho da gente, né? Que em muitos cantos aqui você vê aquelas pessoas, elas têm o Coração de Jesus, [...] essa tradição foi toda dele, toda dele que deixou pras pessoas fazerem. Trabalhando - é que tem um dizer que eu esqueço - trabalho e oração. É num livrinho, que agora os padres tão botando a história de meu padim Cíço. De vez em quando eu pego aqui um livrinho que eu recebo e digo: Agora que eles tão vendo a tradição que meu padim Cíço criou aqui no Juazeiro, e eles tão botando “trabalho e oração”, que é pra gente rezar e trabalhar. Não é pra estar só rezando, é pra trabalhar, né?

³ Amadeu Mariano foi bolsista do grupo de pesquisa Benditos: Núcleo de Design Antropologia, certificado pelo CNPq, o qual coordeno.

> Os altares domésticos dos devotos de padre Cícero...



Fotografia 1 – Altar da casa de Dona Osana (VIDELA, 2024).

> Os altares domésticos dos devotos de padre Cícero...



Fotografia 2 – Altar da casa de Seu Cícero (VIDELA, 2024).

A Renovação é um ritual religioso muito conhecido no sertão nordestino. A condução da cerimônia é realizada por mulher ou homem reconhecidos como “tiradores de Renovação”, para quem o caderno de orações e benditos da Renovação dá o passo a passo. No caderno consta o encadeamento do ritual, com os cantos, rezas, agradecimentos pelas graças alcançadas e pedidos de proteção para a casa, para seus moradores e visitantes presentes. No primeiro ano de casado o casal realiza a entronização ou primeira reza. D. Osana explica que a condução da primeira cerimônia é também descrita no caderno de orações. O ritual tem início com a imagem do Coração de Jesus, adornada com flores e posta em cima do altar, já com o local pronto para a imagem ser afixada na parede. No trecho do caderno no qual consta: “Em toda parte sofreu Jesus Cristo”, a leitura é interrompida para a colocação do santo na parede, enquanto se canta um bendito⁴. Ao término desta parte, as rezas da entronização são retomadas.

Nesse quadro, o coração do Nazareno, visivelmente exposto, está representado de maneira simbólica como se incendiado de amor pelos homens e, ao mesmo tempo, despedaçado e sangrando por causa das feridas infligidas pelos pecados da humanidade e pela indiferença à fé. Conhecido pelo nome de Sagrado Coração de Jesus, era esse quadro, naquele tempo, objeto de grande devoção religiosa e popular na Eu-

⁴ Canto religioso.

> Os altares domésticos dos devotos de padre Cícero...

ropa, sobretudo na França, e no Brasil, devoção essa que assegurava a seus fiéis praticantes a salvação, quer das chamas eternas do inferno, quer das intermináveis adversidades terrenas (CAVA, 2014, p. 56-57).

De novo, o evento ocorre nas salas dos santos, em frente ao altar, conforme vemos nas Fotografias 1 e 2, ornamentadas por objetos e imagens dos santos de predileção dos moradores, sendo os mais frequentes, a Nossa Senhora das Dores, Santa Luzia, Sagrado Coração de Jesus, além das estátuas de Padre Cícero e Frei Damião. A disposição dos santos também possui uma hierarquia, os mais importantes ficam no alto e no centro da parede do altar, o qual é formado por uma ou duas mesas cobertas por uma toalha, sempre limpa e, em geral, bordada com temas do repertório católicos. Além da toalha impecável, o altar é decorado com diversos objetos, entre os mais frequentes estão os santos de gesso pintado à mão, animais de louça, oratório, o menino Jesus na manjedoura, vaso com flores de plástico, livros de orações e santinhos ou Bíblia e uma lamparina ou uma pequena lâmpada⁵, conforme vemos na Fotografia 1, no centro da parede. Durante a cerimônia faz-se uso de velas na mesa do altar, mas em respeito aos santos é preciso ter uma luzinha ou luz do candeeiro – termo mais utilizado no Cariri para lamparina – permanentemente acesa, substituindo a vela, mais suscetível a acidentes. De acordo com os devotos, a necessidade de manter a luz acesa no altar demonstra cuidado com o ambiente sagrado, da mesma forma que é valorizado tanto a manutenção e limpeza dos santos, como da sala como um todo, a qual é pintada anualmente para ocasião da Renovação. Nesse sentido, deixar os santos no escuro ou deixá-los sem a troca anual das flores das molduras das imagens, das vestimentas, dos adornos, ou ainda sem a conservação das imagens, são atitudes classificadas como desrespeitosas com o Sagrado Coração de Jesus e com o Imaculado Coração de Maria.

Nesse sentido, para a compreensão da cosmovisão do romeiro e suas práticas, as quais indicam características de sacrifício, caridade e aceitação do sofrimento para alcançar as benesses do paraíso sob as bênçãos de deus, passa pelo papel da estética e do ritual como operadores que garantem uma vida protegida do desvio representada pela ofensa à divindade (LAGROU, 2012; GELL 2018). As práticas rituais e o ordenamento dos objetos no ambiente sagrado se articulam, portanto, na condução da vida dos devotos e na organização da vida social de um grupo, nesse caso, dos romeiros do Padre Cícero.

⁵ São lâmpadas pequenas que substituem as velas. São atarraxadas em receptáculos e fixadas na parede.

> Os altares domésticos dos devotos de padre Cícero...



Fotografia 3 – Renovação na casa de Sr. Nego Pereira (VIDELA, 2024).

2 Horto onde Jesus foi crucificado

Muitos são os relatos de um sonho que Padre Cícero teria tido sobre a associação e semelhança entre a Serra do Catolé, antiga denominação do que hoje conhecemos como Colina do Horto, e o Horto das Oliveiras, local onde Jesus viveu o momento que antecedeu sua prisão (PINHO, 2019). A serra do Catolé, portanto, foi rebatizada de Colina do Horto pelos romeiros, para lembrar o martírio de Jesus. Entre os relatos temos o de Dona Osana que lhe foi contado por Antônio Ferreira, vizinho e amigo de seu pai, pedreiro e encarregado de fazer reparos na casa do Padre Cícero. Ele chegou a acompanhar o clérigo numa visita à Serra do Catolé a fim de saber se ela era como padre Cícero teria visto em sonho. Lá chegando, pararam numas pedras embaixo de uma árvore frondosa, “pé de tambor”, e então Padre Cícero, olhando para Juazeiro, disse: “Juazeiro será no futuro uma grande cidade. Aqui neste lugar onde nós estamos é parecido com o Horto, onde Jesus foi crucificado.” Depois acrescentou: “Agora nós vamos conhecer o sítio Veado Frio.” Ao chegarem, Padre Cícero mostrou-lhe duas pedras grandes, uma em cima da outra, e disse: “Essas duas pedras parecem com o sepulcro onde Jesus foi sepultado”. A partir

> Os altares domésticos dos devotos de padre Cícero...

das semelhanças identificadas e também sugeridas nos sonhos, a Serra do Catolé ficou conhecida como “Colina do Horto” e o Sítio Veado Frio como “Santo Sepulcro.”

Assim, os relatos das devotas apontam para as semelhanças entre as duas cidades, aspecto que é interpretado não como uma coincidência, mas como escolha e proteção divina, uma vez que destacam que a cidade de Juazeiro do Norte é a Nova Jerusalém, ou seja, é um local encantado.

Dona Maria José: o mistério de meu padim, o povo estuda e escreve, mas o mistério daqui num tem quem descubra não, porque só a mãe de Deus é quem sabe, afinal que aqui, desde pequena que eu vejo dizer, afinal que este lugar aqui é encantado. E como é encantado! Só pode ver o desencantamento dele ou assim, por exemplo, numa comparação de se ver e num contar a ninguém, porque aqui é encantado. Nossa Senhora encantou porque o demônio (demônio) ia mudar muitas coisas, muitas coisas iam mudá. Depois, pode escrever os dados de Juazeiro, pode escrever tudo, mas o mistério só a mãe de Deus é quem sabe.

Ana: E é encantado como, Dona Maria José?

Dona Maria José: É encantado. A mãe de Deus encantou, a gente vê assim o Juazeiro, a mãe de Deus encantou ele, ele é encantado, a gente entra no Juazeiro, por todo canto, mas Juazeiro a mãe de Deus encantou, e ele só vai desencantar nos fins do tempo.

Ana: Nossa senhora enviou o padre Cícero como parte desse encantamento?

Dona Maria José: É não, Nossa Senhora que encantou ele, num foi meu padim não, foi Nossa Senhora. Ele dizia, Nossa Senhora encantou este lugar, tem um grande mistério, e o mistério que tem nesse lugar só a mãe de Deus é quem sabe.

Ana: Então padre Cícero contava essa história?

Dona Maria José: Contava essas historia os mais antigo, e que assim mesmo uma mulher, uma veinha (velhinha) que passou dois meses na nossa casa, ela é de Mata Grande, mas ela já morreu, ela foi dizer que era criada na casa de meu padim Ciço, ela chegou com treze anos de idade, ela contava, ela disse: meu padim Ciço, bem pouca gente conhece quem é ele, aquela pessoa que ele foi, muito sofrido, ainda hoje é, muito sofrido, mas é porque, por causa da inveja, você vê que nosso senhor foi morto por causa da inveja, e os santos, qualquer um santo, acolheu a pobreza, aí é preciso, meu padim Ciço participou de guerra⁶, meu padim Ciço sofreu muita calúnia, mas ele não abandonou e nem deixou a santa religião, morreu na santa religião, agora nós, quem duvida dele e nós que já sabe quem é, aí os que duvidam dele vai saber no dia do juízo.

⁶ Dona Maria José se refere à guerra da sedição de Juazeiro, ocorrido em 1914, durante a Velha República, entre a oligarquia cearense e o governo federal. Os sertanejos lutaram contra as forças do governo central sob a liderança do padre e do médico e político Floro Bartolomeu. Os cearenses venceram e o governo federal cedeu, abrindo mão da intervenção no governo cearense. Com isso o poder voltou para as mãos da oligarquia.

> Os altares domésticos dos devotos de padre Cícero...

O que podemos observar na comunidade romeira é que a despeito do encantamento da cidade, a proteção de Deus é permeada por uma rígida conduta, visto que o caminho para alcançar a proteção divina envolve sempre muito sacrifício e resignação. Esse sacrifício está distribuído em todas as atividades da vida dos devotos, desde a forma de chegar à cidade, quando se vem de outros estados, sobretudo do Nordeste, como nas diversas formas de pagar as promessas ou mesmo na orientação das ações da vida cotidiana (GELL, 2018). Na questão do deslocamento, os relatos dos moradores mais velhos nos indicam que as viagens eram realizadas a pé, a cavalo ou no pau-de-arara⁷. No caso da Dona Maria José, sua família viajou a pé da Paraíba até Juazeiro. Enquanto a família da Dona Osana fez a viagem de cavalo, de Bodocó, município de Pernambuco, quando ela tinha apenas 6 meses de vida. Outros relatos indicam a utilização do pau-de-arara. O documentário de Eduardo Coutinho (1994), “Os Romeiros de Padre Cícero”, é um belo registro da peregrinação realizada no pau-de-arara por um grupo de moradores de Vila Fernandes, povoado do interior de Alagoas, para Juazeiro do Norte, com duração de 16 horas. Dessa forma, para a graça ser alcançada é necessário passar tanto pelo sacrifício quanto pela resignação, conforme nos relata Dona Maria José.

Dona Maria José: e minha mãe ficou em dia de dar neném, lá nos espinhos, dentro do barraquinho, com água por aqui, com os capins dentro de casa, tava descapinado (sem capinar). Cada um tem um sofrimento, né? e acabou-se o dinheiro todinho do meu pai, meu pai adoeceu, passou seis meses doente, a gente trabalhou na roça do povo. [...] a veinha (velhinha) disse, o senhor tá fazendo o que meu padim Ciço dizia, pra vim pra aqui, pra casa da mãe de Deus, que é em vez de trazer uma carga de dinheiro, traga um saco de paciência, que o dinheiro se acaba e a paciência num se acaba.

Ainda sobre o sacrifício, vale lembrar que em datas festivas do calendário católico, a visita à estátua do Padre Cícero, no cume da colina, é obrigatória. Essa subida é feita a pé e, como forma de pagar promessa, alguns devotos sobem de joelhos ou carregando uma pedra na cabeça.

Além do encantamento da cidade, outro relato contado pelos mais velhos indica que Padre Cícero era diferente de todos os outros padres, pois “ele não foi nascido, foi trocado”. Dona Maria José conta que ouvia dos tios a história de uma mulher que chegou com um pano na cabeça e com um menino nos braços. Segundo esse relato, era a santa que deu à luz ao padre Cícero. Essa mulher se dirigiu à casa da família do Padre Cícero, onde a dona da casa tinha parido há poucos dias, e propôs a troca das crianças, mas a mãe não aceitou. Com isso, ela caiu no sono e quando acordou estranhou e não reconheceu o filho.

⁷ Nome dado ao caminhão adaptado para o transporte de pessoas em substituição aos ônibus.

> Os altares domésticos dos devotos de padre Cícero...

Dona Maria José: [...] quando ela abriu os olhos, que olhou, aí disse, não, esse meu filho num é meu filho não, o meu filho num tem os olhos azuis e esse menino tem os olhos azuis. Aí ela chamou a criada e perguntou pela mulher que tava aqui. Aí ela disse, ela tava aí conversando com a senhora, eu num vi quando ela saiu não. A pois, ela levou meu menino e deixou o dela, ela dizia com o menino nos braço, aí chegou o marido dela, aí começou, é não, esse aqui é o nosso filho, ela disse é não, aqui né meu filho não, a mas é esse, aí ela se conformou e criou ele.

Como vemos, há um paralelo tanto entre as cidades do Juazeiro do Norte e Jerusalém, como entre padre Cícero e Jesus Cristo. A história da religião católica é revivenciada através da cidade e do seu líder religioso. Os mistérios evocados pelos romeiros são obras dos personagens que compõem essa história, ora por Jesus, ora pela mãe de deus.

3 Sonhos

Se para a população romeira a cidade do Juazeiro é encantada por obra da Nossa Senhora, o Horto tem também a proteção do padre Cícero, para quem foi revelado em sonho as semelhanças entre as localidades do Juazeiro do Norte e Jerusalém. As visões do sacerdote através dos sonhos eram recorrentes. Desde jovem, ainda estudante, tivera sonhos com prenúncios da sua vocação religiosa, mas foi o sonho com os doze apóstolos e Jesus que mudou os seus planos de morar em Fortaleza e deixar o pequeno povoado. No sonho viu que “treze homens em vestes bíblicas entraram na escola e sentaram-se em volta da mesa do professor, numa disposição que lembrava o quadro “A última ceia”, de Leonardo da Vinci” (DELLA CAVA, 2014, p. 56).

Conta-se que certo dia, em Joazeiro, padre Cícero, cansado dos trabalhos diários, sentou-se e adormeceu reclinado sobre uma mesa; sonhou que Jesus lhe apareceu, acompanhado dos doze apóstolos, como na Santa Ceia, de Leonardo da Vinci. No quadro, há também um grupo de flagelados, maltrapilhos e esfomeados. Jesus diz a padre Cícero: “E tu, Cícero, cuida deles!” Assim, ele decidiu ficar no povoado (BARBOSA, 2007, p. 17).

Nessa visão, Jesus estava com o peito em chamas, como na imagem do Sagrado Coração de Jesus, e a ferida era provocada pela indiferença da fé e pelos reiterados pecados praticados pela humanidade. Padre Cícero que no sonho espreitava a cena pela fresta da porta, viu que quando Jesus se levantou para falar com os apóstolos, um grupo de flagelados entrou na sala. Cristo se dirigiu ao grupo “lamentando a ruindade do mundo e as inúmeras ofensas da humanidade ao Sacratíssimo Coração” (DELLA CAVA, 2014, p. 57).

Diante da incumbência que lhe fora atribuída no sonho, Padre Cícero opta por permanecer no Juazeiro. O sonho do clérigo foi o presságio da missão que ele passou a assumir, qual seja, o de socorrer os mais pobres. Da mesma forma, em vários relatos podemos

identificar o papel do sonho na condução da vida dos moradores do bairro, isto é, o sonho se mostra como uma revelação de um acontecimento, um aviso divino ou até um bendito em forma de canto religioso. Certa ocasião Dona Lourdes, que ensaia a Lapinha⁸ com um grupo de crianças do bairro, contou que sua mãe, sonhara com a letra de um bendito, mas como era analfabeta contou com a ajuda de um filho. Assim, ao acordar procurou um dos filhos para ditar a letra da canção que sonhara. Em outro relato, dessa vez da Dona Osana, o sonho foi o presságio de que precisava voltar para casa, pois os santos estavam tristes e com a luz fraca. A decisão de voltar para a casa se consumou após sonhar com o seu Sagrado Coração de Jesus, luzes e procissão, elementos que sinalizaram que ela estava sendo chamada para cuidar dos santos.

Dona Osana: Bem, aí ela dizia assim: “Osana, volta pra casa.”

Eu digo: “Volto não, Maria. Eu não vou voltar mais não. Já tô aqui. Daqui eu já vou fazer minha casa no (bairro) Aeroporto. Eu não vou voltar mais não.” Eu só vou lhe contar esse sonho, que eu sonhei com o Coração de Jesus e um bendito.

Bem, aí minha tia, essa minha tia, que é irmã do meu pai, disse assim: “Minha filha, não tá perto da renovação? Você faz a reza... você não é quem reza a reza do santo do seu pai, da sua avó? Porque você num volta pra rezar a reza do santo?”

Eu disse assim: “Minha tia Alzira, eu vou rezar, no dia eu vou, mas por enquanto eu não vou não. Eu fiquei muito machucada de eu sair de casa assim, eu não vou voltar mais não.”

Aí ela disse: “Homi, volte, volte pra rezar a reza, você vai morar lá novamente, porque Luís não tá mais lá e você volta. Você não tá pagando aluguel?”

Eu digo: “Tô, mas eu não vou voltar não.” Bem, Ana, aí quando foi um dia, eu com essa história que não ia voltar e já tava bem pertinho da reza do santo.

Eu digo: “Mas quando tiver bem pertinho eu vou pra arrumar a casa e rezo.”

Aí Maria dizia assim: “Osana, eu vou lá. O santo tá tão triste.”

E eu: “E a luz do santo tá apagada?”

“Não, acende, mas o santo tá tão triste, vai embora, Osana, vai embora pra lá.”

“Vou não, Maria, tão cedo não. Eu só vou quando tiver bem pertinho, quando tiver faltando uns três dias. Eu fico imaginando assim, eu vou e faço o asseio da casa e levo os enfeites, e ajeito e rezo, e venho embora.”

Ana, é que quando foi uma noite, eu sonhei esse sonho, eu tava dormindo lá no alto, eu não vi assim, pra dizer: “tô vendo”, que nem tu tá aí não. Foi em sonho, eu sonhei com o Coração de Jesus, esse coração

⁸ Lapinha é uma manifestação cultural natalina encenada por crianças diante do presépio.

não é assim aqui não é esses aqui, mas só que ele grande, ele grande. Aí eu sonhei aquele bendito, num sonho, eu morando lá no alto, eu me virava assim pra o lado e: “Eita, lá vem uma procissão!” no sonho. “Eita, procissão!” Eu ficava assim, não reparava em mais nada. Eu via aquele bocado de luz, todas aquelas luzes acesas, aquelas luzes acesas, e o bendito, e o Coração de Jesus dizendo assim:

“Perdoai-nos, ó meu Deus,

já que tanto nos amai.

Nunca mais nós pecaremos.

Nunca, senhor nunca mais.

Coração de Jesus,

obrando tanta fineza,

arranca desta minha alma,

pecado e paixão viril.”

Quando dizia assim, ele chegava assim pra perto de mim.

Através do sonho de Dona Osana é possível perceber a importância que o cuidado com os santos envolve, sobretudo para as mulheres, ainda que não exclusivamente. Durante o período que convivi com a comunidade não observei homens à frente dos cuidados com os santos, com exceção de Iolando, sobrinho de Dona Osana. Como veremos mais adiante, foi o apuro com que ele cuida do restauro, manutenção e ornamentação dos santos que aproximou tia e sobrinho. Os santos, portanto, são alvo de zelo por parte da comunidade. A proteção que eles emanam parece estar condicionada a apresentação dos objetos que compõem o altar. Eles ficam tristes e com a luz comprometida se forem deixados de lado. Assim, podemos supor que a beleza, aparência de novo e a apresentação com que são expostos interfere com a proteção que eles difundem. Afinal eles estão presentes em um ponto privilegiado da casa, onde são notados logo que se entra à sala, posicionamento este que reforça a sua função de proteção da casa.

4 A vivência da religião dentro de casa

A fim de compreender a experiência estética do catolicismo popular, nos apoiamos nos relatos das moradoras do bairro, mas antes gostaria de fazer um breve recuo a fim de situar o contexto no qual essa comunidade se formou. De início, identificamos que os habitantes do Horto são formados por pessoas advindas de vários estados do nordeste do Brasil. Em geral, essa população fugia de situações muito adversas em busca de uma vida melhor, mas era, sobretudo, pela fé no Padre Cícero (1844 - 1934) que se moviam em direção à cidade do Juazeiro do Norte. Ou seja, esse fenômeno de migração é resultado

> Os altares domésticos dos devotos de padre Cícero...

da notoriedade que o Padre ganhou, principalmente, entre a população mais desfavorecida da região nordeste, tendo o milagre da Beata Maria de Araújo amplificando a popularidade do clérigo.

No dia 1º de março de 1889, Maria de Araújo era uma das várias devotas que se encontravam na capela do Juazeiro para assistir à missa e acompanhar os rituais que se celebravam, toda as sextas-feiras do mês, em honra do Sagrado Coração de Jesus. Foi uma das primeiras a receber a comunhão. De repente caiu por terra e a imaculada hóstia branca que acabava de receber tingiu-se de sangue (DELLA CAVA, 2014, p. 84).

Aliás, passados mais de oitenta anos da morte do padre Cícero, ainda é significativo o número de habitantes advindos de outros estados do nordeste na busca por uma vida melhor na terra onde o Padre se notabilizou por ter operado milagres.

De acordo com Della Cava (2014), as beatas foram responsáveis por disseminar a religião popular no interior do nordeste. A tradição do trabalho com mulheres remonta a iniciativa de padre Ibiapina a partir de meados no século XIX, na formação das “irmandades de caridade”. As mulheres que ingressavam na congregação feminina “passavam a ter o título de beatas, as quais vinham das classes baixa do interior brasileiro” (DELLA CAVA, 2014, p. 69). Nesse sentido, Padre Cícero seguiu o exemplo de Ibiapina e, desde o início, também passou a recrutar mulheres solteiras para compor as irmandades. Algumas delas viviam na casa do sacerdote, junto com sua mãe, já viúva, e duas irmãs solteiras. A Beata Maria de Araújo fez parte desse contexto, tinha 28 anos por ocasião do milagre, era costureira, beata e residente da casa do padre.

Durante o processo de reconhecimento do milagre, através de documentos apresentados às autoridades da comissão de inquérito, Padre Cícero informa que conheceu Maria de Araújo ainda criança, entre os oito e nove anos de idade, por ocasião dos preparativos da 1ª comunhão (PINHO, 2019). Nos relatos presentes no processo, dois aspectos nos chamam atenção: primeiro foi o reconhecimento do sacerdote de uma disposição de Maria de Araújo para uma vida interior e o aconselhamento para que ela “se consagrasse a Nosso Senhor, tornando-se uma verdadeira esposa de Jesus Cristo”. O segundo dado foi a declaração da beata na Comissão de Inquérito sobre o milagre, no qual ela afirma que “desde os seis anos de idade brincava com o menino Deus” (PINHO, 2019, p. 59 – 60). Em uma dessas ocasiões o menino Deus lhe informara que ele enviaria um sacerdote que se encarregaria da salvação das almas, não importando o sacrifício. Através dos depoimentos é possível identificar uma parceria que se estabelece entre ambos, da parte dele vendo-a como uma promissora seguidora dos preceitos do catolicismo e se colocando como seu orientador espiritual e, da parte dela, pela condução de uma vida de devoção, obediência e confiança.

> Os altares domésticos dos devotos de padre Cícero...

Para os devotos do Padre Cícero, o episódio do milagre foi uma demonstração da santidade da beata. Para Dona Maria José, a beata Maria de Araújo é Madalena.

Dona Maria José: Você vê a história da beata Maria de Araújo, que o nome dela é Madalena, é, é Madalena o nome dela. A beata Maria de Araújo, porque naquele tempo o pessoal odiava porque nossa senhora, olhe, nossa senhora apresentava o sangue dela numa negra, mas que Deus ele não tem superstição com ninguém, tudo é filho dele. Agora, nosso Senhor e o divino espírito santo, ele sopra onde quer, as graças dele ele concede a quem ele quer.

Esse fenômeno teve uma grande repercussão e, rapidamente, um grande número deromeiros foi atraído pelo que se acreditava ser o sangue de Jesus, materializado nos panos que a beata usava para limpar a boca. Como resultado do forte apelo religioso na região, Padre Cícero teve um papel importante na acomodação de muitos dos novos moradores, cedendo casas construídas em terrenos da Paróquia ou erguendo pequenos conjuntos habitacionais. Com o contínuo fluxo migratório, o ato de realocar a população foi repetido por outros padres que o sucederam. Esse aspecto já demonstra a peculiaridade de migrar para a cidade do Juazeiro do Norte, pois além de contar com as bênçãos do seu patriarca, ainda recebiam o apoio na instalação de suas famílias, reforçando a ideia de cidade encantada. Com o passar do tempo foi possível observar algumas variações nas formas de ocupação do bairro, entre as quais identificamos as construções familiares contíguas, como uma maneira de contar com o amparo dos parentes que moram nas proximidades do bairro. Em uma das casas que visitei, as habitações são vizinhas de porta, mas, mesmo assim, abriram uma porta nas cozinhas que liga as duas casas, permitindo que seus moradores transitem de uma casa a outra sem a necessidade de passar pela calçada.

Nesse sentido, a maneira de vivenciar a religião pode alterar de acordo com o entendimento do que é necessário para a expressão religiosa. Alguns relatos indicam que a noção de posse da casa interfere na extensão das manifestações religiosas doméstica dos fiéis. De acordo com o relato de Dona Ana Maria, o fato de viver em casa alugada não a permitia realizar o ritual de Renovação. Muito embora esse aspecto não a tenha impedido de ter o seu altar doméstico (fotografia 4). Conforme nos conta, ela reuniu aos seus santos os santos deixados pelo senhorio na casa, contudo, para ela, o fato de não ser proprietária do imóvel era um empecilho para a realização do ritual.

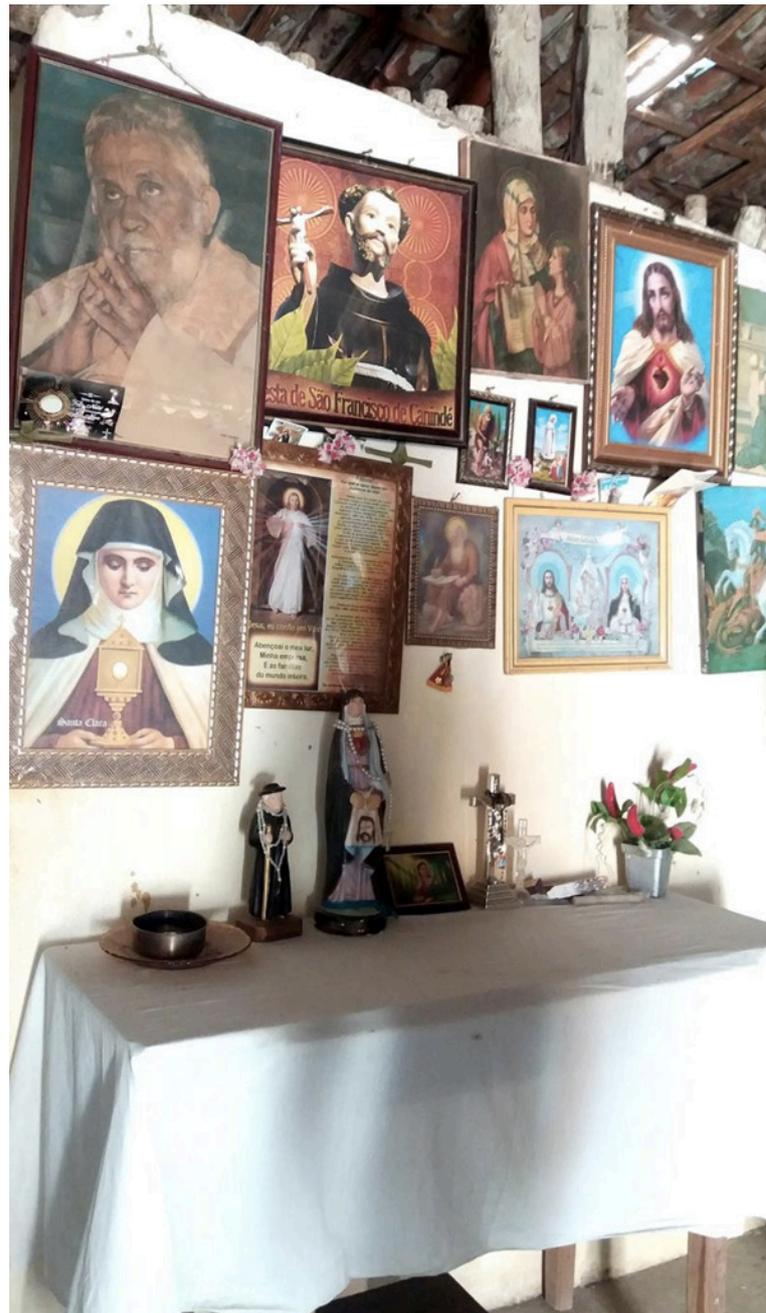
Esse aspecto me chamou atenção por identificar uma certa plasticidade na condução religiosa. Quer dizer, de acordo com a condição econômica ou configuração da família é possível identificar uma capacidade constante de negociar com o conjunto de preceitos e ritos que, embora possuam autonomia, norteiam as práticas religiosas. Esses preceitos que ordenam o que é certo ou errado nos atos de fé do catolicismo popular possuem,

portanto, uma maleabilidade que reflete nos mecanismos de negociação de convivência entre o ideal da prática religiosa e a realidade enfrentada pela comunidade. Para uma melhor compreensão do que entendemos por capacidade de negociar com as regras, destacamos duas normas frequentemente citadas para a realização da Renovação: viver em casa própria e os donos da casa possuírem o sacramento do matrimônio. No primeiro caso, ser proprietário do imóvel não foi considerado uma exigência para a celebração religiosa por todos os fiéis com os quais conversamos, alguns, como uma moradora nascida em Recife-PE, e que já residiu em diferentes pontos do bairro do Horto, dizia já ter visto muitos casais celebrarem a Renovação sem cumprir nenhum destes dois requisitos e, em sua opinião, esses aspectos não eram impeditivos para celebração da fé. Da mesma forma, a necessidade de os donos da casa serem casados na igreja não é compartilhado igualmente por todos os devotos. Para Dona Osana, como rezadeira, “tirar a reza” da Renovação nas casas de casais “amancebados” é ofender Jesus de uma forma muito dura, conforme suas próprias palavras, seria como “dar uma ‘lapada’ na face de nosso senhor”. Assim, temos depoimentos tanto da rezadeira, quanto de devotos que lamentam não poder realizar a Renovação por não terem o sacramento do casamento católico. O que nos leva a identificar que, como esses preceitos são transmitidos oralmente e a população tem origem, formação e pertencem a gerações diversas, há sempre uma margem para a negociação das regras.

Nesse sentido, como os aconselhamentos dados por Padre Cícero eram orais, o que nos chega são os relatos que foram passados de pessoa para pessoa. É pela experiência do pai ou de uma tia, como no caso de Dona Osana, que nos aproximamos dessa visão de mundo. Para Benjamin (1987), a fonte dos narradores é a experiência, com especial destaque para o senso prático como característica dos narradores natos. Daí a narrativa ter uma dimensão utilitária. “O narrador sabe dar conselhos” (BENJAMIN, 1987, p. 198-200)”. Segundo o autor, foi com a ascensão da burguesia que o romance se sobrepôs à narrativa. A narrativa seria uma forma artesanal de comunicação. Assim como o artesão deixa as marcas na peça que está sendo trabalhada, o narrador também imprime suas marcas na narrativa (BENJAMIN, 1987, p. 205). O narrador, de acordo com Benjamin (1987, p. 205), tem “suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais”.

Outro elemento que compõe a Renovação, e é alvo de elaboração, é o café do santo, oferecido logo após a reza. Para Dona Maria José, quem faz a reza do Sagrado Coração de Jesus tem sua mesa no céu. Jesus vem à meia-noite abençoar a casa inteira, da entrada até a beira do fogão, incluindo as panelas do café. Mas a mesa no céu é para quem oferece o tradicional café com bolacha seca, que inclui o chá de capim-santo. Quem oferece bolo, refrigerante, suco e outros alimentos não têm garantia da mesa no céu, pois esses outros alimentos devem ser servidos em batizados, casamentos ou festas da família, não na Renovação.

> Os altares domésticos dos devotos de padre Cícero...



Fotografia 4 – Casa de Dona Ana Maria (VIDELA, 2024).

Para Dona Joana, que veio da Paraíba com o marido e filhos, o café do santo é mais diversificado. Ela conta que como agricultores na cidade de origem, levavam uma vida muito difícil, por isso decidiram tentar a sorte na cidade do padre Cícero. Seu marido já tinha estado no Juazeiro em duas diferentes romarias, motivo que o levou a querer mudar de residência. Segundo seu depoimento, o marido tomou uma decisão acertada, pois a qualidade de vida da família em Juazeiro do Norte melhorou, eles passaram a viver sem as privações do passado devido às muitas graças que receberam. Por isso, na Renovação, ritual que não era praticado na Paraíba, fazem questão de oferecer almoço farto e capri-

char no lanche dos visitantes. Essa é a forma que Dona Joana encontrou de retribuir as graças alcançadas. Assim como ocorre com outras famílias que chegam à cidade, eles foram morar em uma localidade disponibilizada por Padre Cícero para os romeiros. Lá eles plantaram e tiveram colheitas exitosas. Porém, com o passar do tempo, como ambos estavam mais velhos e já cansados para manter o trabalho na roça, além da saúde mais frágil do marido que está com diabetes, eles decidiram viver do comércio de *souvenir* religiosos. O comércio dos produtos religiosos realizado por Dona Joana é ambulante e acontece na área que circunda a estátua do Padre Cícero, próximo à sua residência. Os produtos são organizados no tabuleiro, o qual é preso ao próprio corpo, contendo uma variedade de itens religiosos, de rosários a chaveiros, todos com imagens dos santos ou do Padre Cícero.

Através dos registros a respeito dos elementos que compõem o ritual, podemos identificar que as respostas sobre a ordenação da cerimônia podem divergir. Dentro de uma comunidade tão móvel, que conta com movimentos constantes de migração, além da transmissão ser oral, intuímos que a natureza do evento acaba por ser mais maleável mesmo. Gerando, dessa forma, algumas divergências sobre as regras na condução da cerimônia, o que pode acarretar numa variedade de entendimento sobre as práticas religiosas. Portanto, aqui identificamos divergências ora na questão da propriedade do imóvel como sendo apresentada como requisito para a realização da Renovação, ora na formação da família, ou ainda encontramos discordâncias sobre o regime dietético que acompanha o ritual.

Durante o período de imersão no campo, pudemos observar que a ontologia dos romeiros passa pela estética do ambiente sagrado, mediando o respeito às divindades, o qual faz parte do *ethos* do catolicismo popular. Mas além da estética que sinaliza para a ética que a comunidade tem em relação ao sagrado, o argumento aqui defendido é de que as imagens e santos mediam as relações sociais e “são fontes e alvos de agência social” (GELL, 2018, p. 155). Com isso queremos dizer que a devoção ao Sagrado Coração de Jesus passa tanto pelo cuidado em zelar e decorar as imagens reunidas na sala do santo, sendo a falta de atenção com o universo do sagrado considerado como uma ofensa à Deus, quanto pela agência das imagens, seres copresentes, mostrando que emana desses artefatos e imagens consciência, intenção e paixões semelhantes às das pessoas (GELL, 2018). Para uma melhor compreensão da atenção que se deve ter aos santos, citamos um episódio que Dona Osana nos contou a respeito do santo que herdou de sua irmã e deu para o sobrinho.

Na casa de D. Osana – que quando mais jovem costumava “tirar a reza” da Renovação nos domicílios dos moradores do Bairro – encontramos uma sala de santo extremamente adornada e bem cuidada (fotografia 1). Entre os cuidados podemos citar a troca das flores que emolduram os santos, a mudança da roupa do menino Jesus que fica dentro do

> Os altares domésticos dos devotos de padre Cícero...

oratório e a pintura da sala, atividades realizadas anualmente. Ou seja, a limpeza mais apurada, tais como o trabalho de manutenção ou recuperação de alguma imagem de santo, a troca dos adornos e vestimenta que compõem as imagens que estão fixados nas paredes e os elementos que fazem parte do oratório, são realizados próximos da data de comemoração da Renovação.

Dona Osana: [...] fui até rezar lá. Iolando disse, vá tia Osana fazer a reza do nosso santo. Aí eu fui, aí já estava lá esse santo. [...] eu entrei e disse: cadê o santo, onde tu botou? Ele disse, botei lá no quarto junto com as outras imagens do povo dele, dos avós dele, das tias que já morreu. Aí entrei lá, aí eu vi esse santo lá, o candeeirinho assim aceso que ele botou, bem zeladinho, [...], a mesa com um oratório, com uma toalhinha, bem forradim, ai Ana, quando eu olhei pra essa imagem assim, ele tá bem zelado, mas não tá lá na sala, é pra tá é na sala!

O respeito aos santos também passa pelo local da casa que eles devem ocupar, com isso Dona Osana explica que não basta a manutenção e zelo com as imagens sagradas, é preciso manter o santo na sala da frente, espaço privilegiado da casa. Nesse contexto, vemos o compromisso em conservar o ritual também dos santos herdados. Os santos passam por várias transformações no decorrer de sua biografia⁹, através deles acessamos sua “história de vida”, quer dizer, eles nos contam por onde passaram e a maneira como estimulam uma resposta afetiva e são investidos com algumas das intencionalidades de seus donos (HOSKINS, 2006). Quer dizer, diante do altar os devotos do catolicismo popular nos contam a história que foi sendo construída durante a vida da família. Para Dona Osana, que herdou os santos dos pais e da irmã, o encargo implica no cuidado e manutenção dos santos e, dessa forma, se relaciona com os entes da família que já morreram, mantendo o compromisso com a realização da Renovação de todos os santos, os herdados e os dela. Pois, de acordo com as orientações de Padre Cícero, as residências dos devotos precisavam ter um altar, o qual implica em levar em conta um conjunto de preceitos inerente a um local sagrado.

5 Os santos e o altar

Os objetos de devoção fazem parte das moradias do Horto. Nas casas que visitei eles formam o ponto central de cuidados e da ornamentação das residências, sobretudo na sala do santo, primeiro cômodo da casa. A maneira de dispor e organizar os objetos na residência, influencia a vida dos moradores, pois as regras, mesmo sendo maleáveis,

⁹ Ver, por exemplo, Hoskins (2006). A autora discute o conceito de “biografia dos objetos” no contexto da antropologia e dos estudos culturais. Ela sugere que os objetos têm histórias e agências próprias. A ideia é que os objetos têm suas próprias narrativas, marcadas por sua criação, uso, circulação e significados atribuídos ao longo do tempo e em diferentes contextos culturais.

ditam o comportamento que se deve ter diante dos ambientes destinados ao sagrado. Os objetos, de acordo com Miller (2013), emprestam seus atributos e geram um certo poder de transmissão de mensagens que tendem a nos afetar frente a essas ordens silenciosas, é isso que ocorre nessas salas, somos impelidos a certos tipos de comportamento de forma sutil, ações como se portar de forma mais respeitosa, evitar palavras de baixo calão, fazer o sinal da cruz ao passar por um crucifixo ou alguma imagem religiosa são exemplos dessas influências.

Conforme foi dito anteriormente, o altar é localizado na parede em frente à porta, pois um dos seus papéis é o de proteção da casa. Assim, ao caminhar pelo bairro, como algumas casas ficam com a porta aberta, o visitante pode ver facilmente os altares presentes nas moradias. A visibilidade da sala do santo, portanto, tem alguns sentidos, entretanto, aqui gostaria de chamar atenção para a apresentação do ambiente. O embelezamento, a limpeza, a manutenção passam a imagem de devoção ao Sagrado Coração de Jesus pelos moradores da casa, além disso, também indica que o cuidado revela que os Santos daquela casa estão “acesos” ou potentes para atuar na defesa contra as adversidades.

Além de todos os motivos religiosos de apego a essas imagens e objetos, podemos supor que a questão estética medeia as relações entre os devotos, gerando uma aproximação entre eles. Como estamos tratando de uma população mais idosa, toda contribuição com as atribuições de conservação das imagens é bem-vinda. Esse foi o laço que uniu Dona Osana e seu sobrinho Iolando. Ao visitar sua madrinha, Dona Osana se encantou com a apresentação dos seus santos, se admirando quando soube que tinha sido obra do Iolando. Em seu relato, ela conta que comentou com sua comadre da dificuldade que sentia em fazer a limpeza e manutenção das imagens. Se o problema persistisse, ela partiria para a entrega dos santos à Igreja. Diante dessa situação, Iolando se dispôs a auxiliar a tia na organização do seu altar. Ela ainda conta que ele colocou mais um ponto de luz, pois sua intenção era ter duas luzes, uma verde e outra vermelha perto do Coração de Jesus e introduziu uns laços envolvendo algumas imagens para representar as graças alcançadas. Essa parceria deixou Dona Osana extremamente feliz, pois com a ajuda do sobrinho ela pôde manter seu altar bonito, com aspecto de bem cuidado e os seus santos satisfeitos e cheios de luz.

Dona Osana: Eu disse isso na casa de uma madrinha dele, eu fui numa renovação lá, eu disse assim, mas teus santos tão bonitos, e tu num tinha esses santos assim grande não. Ela disse: e nem era bem ajeitado assim. Ela disse, cumadi isso aí foi meu afilhado que fez. Eu digo: e foi? Foi. Ai ele assim de trás escutando eu dizendo assim: Lalá, eu acho que eu vou botar meus santos na igreja que eu num tô podendo cuidar mais dele não, e ele assim observando eu conversando mais ela, aí eu disse assim: que eu não tô podendo mais botar meu santo na parede cumadi (comadre), acho que eu vou botar é na igreja, ai eu dizendo isso a ela, e ele assim sentado escutando.

A mediação também se dá entre os parentes cuidadores dos santos e seus entes queridos que já morreram. Conforme comentei mais acima, a herança dos santos é outro assunto frequente nas conversas com os devotos do padre Cícero. Os parentes mais próximos do morto dão continuidade aos cuidados dos santos herdados, pois essas imagens são percebidas como vinculadas aos seus donos, fazendo com que a família procure dar continuidade ao ritual de Renovação conforme era realizado pelos seus donos, na data já adotada¹⁰ (HOSKINS, 2006). Entretanto, como essa determinação impacta no orçamento dos cuidadores dos santos, uma vez que o ritual implica também na oferta do café do santo para os convidados, no caso de Dona Osana, que “toma conta” dos santos dos pais, da avó materna e da irmã, para simplificar, passou a Renovação de todos eles para o dia 1º de janeiro, data já adotada pelo pai, enquanto o ritual do seu santo acontece no dia 9 de setembro, data do seu casamento. Os santos herdados compõem a parede do altar, mas são colocados mais nas laterais, pois o centro é ocupado pelo santo da(o) dona(o) da casa.

De acordo com Rocha (2012), há uma “forma-altar” que é resultado dessa composição visual própria dos altares domésticos, sendo parte da potência sacramental do altar do Coração de Jesus a capacidade de *mimesis* dos antigos altares das igrejas. Mas esse modelo não é a origem de toda a sua força, a forma de ordenar os artefatos na sala, “assim como os sentidos que emanam da contemplação dos altares, estão subordinados a um pensamento que mobiliza conexões que transcendem os limites da associação dos modelos eclesiais” (ROCHA, 2012, p. 49), ativando aspectos da ontologia do romeiro devoto, a qual inclui a história da família presente nos santos herdados e nas fotopinturas¹¹ dos parentes.

Ao mesmo tempo, através da imagem do Sagrado Coração de Jesus é possível acessar suas partes distribuídas no ambiente de devoção. Para Gell (2018, p. 168), “o tipo de influência que se obtém de uma pessoa ou coisa por meio do acesso a sua imagem é comparável, ou mesmo idêntico, à influência que pode ser obtida por meio do acesso a uma parte física da pessoa ou da coisa”, no sentido da pessoa distribuída.

Por fim, os santos presentes no altar precisam estar ornados e em bom estado de conservação. Os objetos que compõem a mesa do altar fazem parte do repertório católico, como, animais, manjedoura com o menino Jesus, reis magos, enquanto outros elementos fazem parte de referências de outras religiões, como algumas plantas, candelabros, estrelas, entre outros. De modo que, a proteção está condicionada a apresentação das

10 Caso o devoto não consiga manter todos os santos herdados, a opção é enviá-los para a igreja. Uma outra opção de descarte dos santos é quando eles ficam velhos ou quebrados, neste caso os moradores costumam depositá-los ao pé das estações da Via Crucis, na Rua do Horto.

11 Nos altares domésticos as fotopinturas dos donos da casa e de seus familiares ficam na parede à direita do altar. O Coração de Jesus dos donos da casa fica no centro do altar, os herdados são postos nas laterais da parede central e quando são mais numerosos avançam para a parede à esquerda do altar.

> Os altares domésticos dos devotos de padre Cícero...

imagens com enfeites e aspecto de novo, para isso, a solução, em alguns casos, é colocar uma imagem nova por cima da antiga.

6 Considerações Finais

A reflexão sobre a questão que envolve pessoas e objetos, no nosso caso, santos, seus donos vivos e não vivos, é tratada com frequência pela Antropologia, visto que varia culturalmente e não se estabelece da mesma maneira em todos os grupos sociais. Nesse sentido, ao final deste estudo, podemos observar que os devotos do catolicismo popular se dedicam aos altares domésticos, a partir da orientação do Padre Cícero, com os quais estabelecem uma interação com os santos percebidos e imaginados, incluindo, para isso, o cuidado e manutenção dos objetos e imagens que os compõem. Aqui o argumento defendido foi de que arrumação e disposição dos objetos, adornos e santos estão relacionados com o grau de devoção do fiel aos santos em geral e ao Sagrado Coração de Jesus em particular. Essa devoção é também fruto de uma herança mística dos parentes, os quais participam da formação dos novos devotos, pois em suas casas, pais, avós, tios se dedicavam ao Sagrado Coração de Jesus e já frequentavam as romarias em Juazeiro do Norte, além de nutrirem um desejo de um dia morar naquele território sagrado, escolhido por Nossa Senhora e reconhecido em sonho por Padre Cícero. Os devotos herdaram, portanto, tanto a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, quanto os santos dos parentes mortos. Assim, os donos vivos e não vivos circulam na sala dos santos da família, fazendo parte das orações e sendo ativados nos rituais de Renovação. Essa interação dos parentes ocorre também através da biografia das imagens, que registram a história de devoção da família. Ou seja, a dedicação a esses objetos ativa a agência que deles emanam.

Em várias passagens os romeiros relatam que Jesus sofre por conta dos pecados e ruínas praticadas pelos homens. Essa ontologia foi observada na prática religiosa dos romeiros, para quem o sofrimento, sacrifício, paciência ou persistência da fé fazem parte do caminho para se alcançar as graças divinas, a qual inclui a manutenção do altar doméstico. Mas não basta possuir o altar doméstico, é preciso ter cuidado com o bom estado dos elementos que o compõe, a fim de evitar que os santos percam sua força e a proteção que deles emanam se esvaia. Para além das regras, ritos e disposição hierárquica dos santos, um dos aspectos que mais nos chamou atenção foi o cuidado estético na elaboração do altar que compõe a sala do santo. Anualmente a sala é pintada, as flores que adornam as imagens são refeitas e as vestimentas e adornos dos santos são trocadas, sempre com a luz de uma lamparina ou vela acesa. A atenção na composição dos enfeites dos objetos que fazem parte das cenas religiosas, como a manjedoura ou representação do menino Jesus, é de extremo refino. Portanto, os cuidados, arranjo e zelo do altar são acompanhados dos rituais de reafirmação da fé e de uma conduta afastada da tentação do pecado.

> Os altares domésticos dos devotos de padre Cícero...

Na vivência da religião do catolicismo popular, as práticas e os objetos reforçam a devoção e constituem o mito do sagrado e da santidade do padre Cícero, que é reproduzido repetidas vezes em imagens e peças nos altares domésticos. A reafirmação de sua presença é uma influência do mesmo tipo que se obtém através do acesso físico, ou seja, a aparência dos objetos e imagens tem uma influência compatível com a de uma pessoa (GELL, 2018). De forma que, a noção de pessoa distribuída indica que as partes do santo padre está distribuída por todo o ambiente da sala. Daí a afirmação da filtragem que a sala do santo faz entre o que vem da rua e passa para o interior da casa.

Nesse sentido, um dos atributos da fé é revelado pelo sentido estético que se atribui ao espaço sagrado. Assim, consideramos que a riqueza na ornamentação desse ambiente é uma forma de reverência e agradecimento e ativação da proteção e pelas graças alcançadas. Objetos e devotos se veem envolvidos cotidianamente com suas agências e sensibilidade cognitivas.

FINANCIAMENTO: Não houve financiamento.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Francisco Salatiel de Alencar. **Joaseiro Celeste: tempo e paisagem na devoção ao Padre Cícero**. São Paulo: Attar, 2007.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter (Org.) **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas. Vol 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. A subida do Horto: ritual e topografia religiosa nas romarias de Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 15, n. 25, p. 197-214, jan./jun. 2014. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/view/49728>. Acesso em 26 fev. 2024.

GELL, Alfred. **The technology of enchantment and the enchantment of technology**. Oxford/New York: Clarendon Press/Oxford University Press, 1992.

GELL, Alfred. **Arte e Agência: uma teoria antropológica**. São Paulo: Ubu Editora. 2018

HOSKINS, Janet. Agency, Biography and Objects. In: TILLER, C et all (Org.) **Handbook of Material Culture**. London: Sage Publications, 2006.

LAGROU, Els. Um corpo feito de artefatos: o caso da miçanga. In: **Palavras em imagens: Escritas, corpos e memórias [en ligne]**. Marseille: OpenEdition Press, 2016 (généré le 24 février 2024). Disponible sur Internet : <<http://books.openedition.org/oep/823>>. ISBN : 978-2-8218-5577-9. DOI : <https://doi.org/10.4000/books.oep.823>.

> Os altares domésticos dos devotos de padre Cícero...

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

PINHO, Maria de Fátima Moraes. **Padre Cícero**: Anjo ou Demônio? Teias de notícias e ressignificação do acontecimento padre Cícero (1870 – 1915). 2019. 416 f. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

ROCHA, Ewelter de Siqueira e. **Vestígios do sagrado**: uma etnografia sobre formas e silêncios. 2012. 269 f. Tese (Doutorado em Antropologia), Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Submetido em: 24 ago. 2023

Aprovado em: 28 dez. 2023

25

Verificado por análise de similaridade do Turnitin



“Os altares domésticos dos devotos de padre Cícero, em Juazeiro do Norte, Ceará”, de autoria de Ana Neuza Botelho Videla, está licenciado sob CC BY 4.0.

